



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DALVA:
A DIÁSPORA CONTADA ENTRE LOUÇAS E CAFÉS**

PEDRO JUNIO GUIMARÃES PEREIRA DOS SANTOS

Rio de Janeiro
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DALVA:
A DIÁSPORA CONTADA ENTRE LOUÇAS E CAFÉS**

Projeto prático submetido à Banca de
Graduação como requisito para obtenção
do diploma de Jornalismo

PEDRO JUNIO GUIMARÃES PEREIRA DOS SANTOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart de Andrade

Rio de Janeiro
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

S237d Santos, Pedro Junio Guimarães Pereira dos
Dalva: a diáspora contada entre louças e cafés /
Pedro Junio Guimarães Pereira dos Santos. -- Rio de
Janeiro, 2024.
29 f.

Orientadora: Ana Paula Goulart de Andrade.
Coorientadora: Tatiane Cruz Leal Costa
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2024.

1. migração interna. 2. história oral. 3. podcast.
4. diáspora nordestina. 5. identidade cultural. I. Andrade, Ana
Paula Goulart de, orient. II. Costa, Tatiane Cruz Leal, coorient.
III. Título

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avaliou o Projeto Prático **Dalva: a diáspora contada entre louças e cafés**, elaborado por **Pedro Junio Guimarães Pereira dos Santos**.

Comissão Examinadora:

DocuSigned by:

Ana Paula Goulart de Andrade

F3638C552A80453...

Profa. Dra. Ana Paula Goulart de Andrade (orientadora)
Departamento de Expressão e Linguagens da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Eco – UFRJ

DocuSigned by:

Tatiane Cruz Leal Costa

FDCD617204D84E3...

Profa. Dra. Tatiane Cruz Leal Costa (coorientadora)
Departamento de Fundamentos da Comunicação da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Eco - UFRJ

DocuSigned by:

Mariaíva Carlos Barbosa

7B44CFCFA5394E3...

Profa. Dra. Mariaíva Carlos Barbosa
Departamento de Expressão e Linguagens da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Eco – UFRJ

DocuSigned by:

Ana Paula Brasil

7E7FD908D4C4492...

Ana Paula Brasil
Jornalista pós-graduada em Responsabilidade Social Corporativa e Terceiro Setor
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Gerente de Responsabilidade Social da Globo

Grau: 10,0

Rio de Janeiro, dia 19/07/2024.

Rio de Janeiro

2024

À Estrela Dalva, que com sua luz acreditou na educação e iluminou meu caminho para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial à minha sobrinha, Maitê, cuja presença reforçou a importância de registrar e preservar histórias, mesmo que ela ainda não compreenda o significado destas palavras;

à orientadora Ana Paula Goulart de Andrade, que não apenas me incentivou academicamente, mas também demonstrou o compromisso e a intensidade necessários para o jornalismo;

à professora Marialva Carlos Barbosa, por enriquecer meu entendimento acadêmico com sua docência singular e inspirar o prosseguimento dos estudos na área de história;

à Ana Paula Brasil, por sua generosidade e apoio que me permitiu vislumbrar o jornalismo;

à Bruna Zichtl Campos Marcomini da Conceição, pela recorrente lembrança da necessidade de me formar.

“O jornalista é o profissional que atribui importância à história do outro. É um apaixonado pela escuta. Eterno aprendiz. É a testemunha permanente dos acontecimentos relevantes da vida alheia. É o profissional que ilumina realidades que muitos não gostam ou que não querem ver nas ruas. É um observador de plantão até das coisas escondidas. O jornalista é um contador de histórias reais.”

(Caco Barcellos)

SANTOS, Pedro Junio Guimarães Pereira dos. **Dalva: a diáspora contada entre louças e cafés**. Orientadora: Ana Paula Goulart de Andrade. Projeto prático em Jornalismo. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

Este projeto prático inclui um podcast jornalístico e um relatório sobre a diáspora nordestina para o Sudeste do Brasil, centrado em Dona Dalva, que simboliza as vivências de muitos migrantes. O podcast explora as transformações emocionais e sociais desses indivíduos, destacando como eles adaptam suas identidades em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro. Inspirado pelo método da história oral e sistematizado por meio de entrevistas, este trabalho realça o impacto das redes de apoio e as mudanças culturais resultantes. O formato podcast permite uma imersão profunda nas histórias, com a digitalização facilitando a captura das narrativas. O relatório vincula teoria e prática, detalhando a produção do podcast, visando documentar e promover reflexão sobre a diáspora e seu papel nas dinâmicas culturais brasileiras.

Palavras-chave: migração interna; história oral; podcast; identidade cultural; diáspora nordestina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	EM BUSCA DE SENTIDO	13
2.1	O COTIDIANO ENQUANTO PAUTA	15
2.2	A ORALIDADE ENTRE LOUÇAS E CAFÉS	17
2.3	POR QUE PODCAST?.....	19
3	RELATÓRIO DE PRODUÇÃO	21
3.1	PRÉ.....	22
3.2	PRODUÇÃO	23
3.3	PÓS.....	25
4	CONCLUSÃO	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1 INTRODUÇÃO

A migração interna no Brasil, especialmente do Nordeste para o Sudeste, é um fenômeno significativo que molda a dinâmica social, econômica e cultural do país. Documentadas desde o século XIX, essas migrações são impulsionadas por fatores econômicos e sociais variados que levam indivíduos e famílias a buscar novas oportunidades em outras regiões. Através dos anos, esses movimentos não apenas facilitaram a mistura de culturas e a expansão de redes econômicas, mas também influenciaram profundamente a identidade e o desenvolvimento das comunidades nas áreas de origem e destino.

As migrações internas no Brasil apresentam uma complexidade que varia significativamente entre diferentes períodos e contextos regionais. Cada fluxo migratório é único, refletindo as condições políticas e econômicas específicas de sua época. Esta heterogeneidade nos padrões migratórios é essencial para compreender não somente a mobilidade da população, mas também como essas movimentações interagem com e influenciam as dinâmicas econômicas, sociais e culturais tanto nas regiões de origem quanto nos destinos. Essas interações moldam a estrutura urbana, as políticas públicas e a coesão comunitária, reforçando a necessidade de uma análise detalhada e contextualizada.

A análise metódica desses deslocamentos internos também destaca a relevância das redes de migração e das razões pessoais e familiares que motivam essas jornadas. Essas redes são vitais para garantir que os migrantes se estabeleçam com sucesso em suas novas localidades, proporcionando acesso a oportunidades de trabalho, habitação adequada e serviços fundamentais. Elas desempenham um papel crucial ao preservar laços culturais e sociais com as regiões de origem, fortalecendo assim as identidades e comunidades em ambos os extremos da migração. Essas conexões influenciam significativamente não apenas os indivíduos envolvidos, mas também as economias e os planejamentos urbanos das áreas envolvidas, reconfigurando práticas culturais e formando novas configurações sociais nos destinos.

Este trabalho adota a história oral como metodologia chave para explorar a diáspora nordestina em direção ao Sudeste do país, visando captar com maior intensidade as experiências individuais que compõem este amplo fenômeno demográfico. Ao focar na vida de Dona Dalva, esta pesquisa destaca uma trajetória

representativa dos inúmeros deslocamentos que marcaram a evolução socioeconômica brasileira. Dona Dalva, uma migrante do Nordeste, encarna as vivências de incontáveis indivíduos que migraram em busca de condições de vida mais favoráveis no Sudeste. Sua história não é apenas a de uma mudança geográfica; é uma tapeçaria rica de memórias, costumes e aspirações que espelham a riqueza cultural e a complexidade da identidade brasileira. Ao utilizar a história oral, este estudo transcende os limites da quantificação estatística e mergulha nas nuances pessoais e emotivas que moldam esses fluxos migratórios.

A relevância de compreender sua história se aninha no fato de que, ao explorar as narrativas individuais como a de Dalva, obtemos uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais que moldam a nação. A utilização da história oral neste estudo permite um mergulho nas emoções e contextos sociais que métodos mais quantitativos de pesquisa muitas vezes não capturam. As experiências de vida de Dalva entrelaçam-se com eventos históricos significativos, demonstrando como a migração influencia a formação de identidades e o desenvolvimento de comunidades. Conhecer a jornada de Dalva oferece uma janela para entender as transformações que continuam a definir o Brasil contemporâneo, transformando este estudo em uma ferramenta essencial para apreciar a interação entre o pessoal e o histórico no tecido social do país.

Ao longo deste estudo, será realizada uma análise detalhada das motivações, desafios e consequências da migração de nordestinos para o Sudeste, com um olhar atento não só aos indivíduos envolvidos, mas também ao impacto substancial nas comunidades e nas identidades culturais tanto nas regiões de origem quanto nos destinos. Através da vivência de Dona Dalva, que deixou o Maranhão para viver no Rio de Janeiro, o estudo irá iluminar aspectos da diáspora nordestina e explorar a interação entre memória, identidade e espaço nas trajetórias migratórias individuais. A pesquisa também abordará os efeitos significativos dessas migrações nos grandes centros urbanos de acolhimento, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde os migrantes se deparam com novos desafios e oportunidades que moldam suas experiências e redefinem as dinâmicas sociais e culturais urbanas. A investigação procura entender como os migrantes ajustam e transformam suas identidades em resposta aos ambientes metropolitanos e, ao mesmo tempo, como influenciam as estruturas sociais e culturais das cidades que os recebem.

Ademais, esta investigação tem o propósito de enriquecer o debate acerca das

práticas midiáticas no contexto das narrativas migratórias. A decisão de formatar esta pesquisa como um podcast reflete as tendências atuais de consumo de mídia, privilegiando meios digitais e interativos. A escolha deste formato específico ressalta sua habilidade em conectar profundamente com os ouvintes, oferecendo uma plataforma dinâmica para a propagação de histórias que, muitas vezes, permanecem à margem nos veículos de comunicação convencionais. Essa abordagem permite uma imersão significativa na experiência dos migrantes, tornando o podcast um veículo ideal para a exploração detalhada e a preservação dessas narrativas pessoais e coletivas.

Com este estudo, espera-se proporcionar uma visão detalhada de um aspecto específico da história social do Brasil e demonstrar como a história oral e as novas tecnologias de comunicação podem aprofundar nossa compreensão das complexas dinâmicas humanas. Narrando a vida de Dalva, almeja-se destacar as narrativas de migrantes como elementos essenciais da história e cultura brasileiras, fomentando um entendimento mais diversificado e inclusivo da sociedade. Ao trazer à luz essas histórias individuais, o trabalho busca não apenas documentar vivências, mas também valorizar a rica tapeçaria de experiências que moldam a identidade nacional.

Neste trabalho, serão detalhadas as etapas de pesquisa e a elaboração do podcast, destacando a aplicação das técnicas de história oral para capturar a riqueza das narrativas pessoais. A conclusão refletirá sobre a importância dos novos meios de comunicação na preservação da memória cultural, ressaltando como as histórias de Dona Dalva e de muitos outros migrantes são vitais para um entendimento mais abrangente e inclusivo da sociedade brasileira. A estrutura do estudo está organizada em duas seções principais. A primeira contextualiza a migração do Nordeste para o Sudeste, explorando as forças históricas e sociais que impulsionaram esses deslocamentos ao longo dos séculos. Será dada atenção às transformações demográficas desde o século XIX e aos impactos dessas migrações, tanto para as regiões de partida quanto para as áreas de chegada. Além disso, o papel das redes de migração e das motivações pessoais e familiares será examinado, enfatizando como influenciam a adaptação dos migrantes e a sua interação com as novas comunidades urbanas, especialmente em grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.

A segunda parte deste estudo detalha especificamente o desenvolvimento do podcast que narra a história de Dona Dalva. Aqui, exploraremos meticulosamente todo

o processo de produção do conteúdo, desde a concepção inicial até a edição final. Serão discutidas as abordagens metodológicas da história oral empregadas para captar as vivências de Dalva, proporcionando um relato pessoal e detalhado que espelha as experiências de muitos migrantes nordestinos. Também serão examinadas as decisões técnicas e criativas adotadas durante a produção, as entrevistas realizadas, e como as histórias foram tecidas em conjunto para compor uma narrativa coesa. Este segmento não somente relata a jornada pessoal de uma migrante, mas também contextualiza a diáspora nordestina como um fenômeno cultural e histórico de grande relevância.

Nas considerações finais, ressaltaremos a importância de preservar as narrativas individuais utilizando meios digitais contemporâneos como o podcast. Este não apenas funciona como ferramenta de memória, mas também como veículo de engajamento educacional e cultural. Enfatizaremos o valor da história oral e das novas tecnologias de comunicação para ampliar nosso entendimento das complexas dinâmicas sociais que configuram a sociedade brasileira. A história de Dona Dalva, ao ser documentada e divulgada, transforma-se em um legado precioso, enriquecendo a narrativa nacional e proporcionando uma perspectiva mais inclusiva e diversificada sobre a história do Brasil.

2 EM BUSCA DE SENTIDO

O movimento de brasileiros oriundos dos estados do Nordeste em direção aos estados do Sudeste, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, é um fenômeno intrínseco e amplamente conhecido do Brasil. Não à toa, o tema já foi abordado em diversas obras clássicas da cultura nacional, como o filme *Central do Brasil*, do diretor Walter Salles (1998), o documentário *Viramundo*, de Geraldo Sarno (1965), os livros *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1973); *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1955), *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (1977), entre outras.

Dados dos primeiros Censos Demográficos realizados no país dão conta que, em 1872, a população do Nordeste correspondia a 46,7% do total nacional daquele ano. Desde então, a região vem perdendo pontos percentuais ao longo das décadas, e registrou uma taxa de participação de 26,91% da população no último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022 — e foi a região que apresentou a menor taxa de crescimento do país, apesar de ter a segunda maior taxa de fecundidade do Brasil e a terceira menor taxa de mortalidade¹.

É certo que outras regiões também foram destino de nascidos no Nordeste que se dispersaram, às vezes expulsos de sua terra natal por causa das secas, outras vezes atraídos pelas oportunidades resultantes da atividade econômica em expansão, como apontam Fusco, Pacheco e Alves (2011). Entre 1839 e 1932, por exemplo, a região amazônica recebeu grande número de nordestinos em função da extração da borracha, assim como Brasília nas décadas de 1950 e 1960, quando os candangos² contribuíram na construção da nova capital federal. Contemporaneamente, esse movimento é visto em direção ao Centro-Oeste, que tem experimentado um *boom* no setor agroindustrial, apesar do arrefecimento da migração interna a partir da década de 1980, “influenciada mais pelo arrefecimento de fatores de atração nas regiões receptoras do que da redução das forças de expulsão, que ainda permaneciam no Nordeste” (Fusco, Pacheco e Alves, 2011, p. 04).

As migrações do Nordeste para o Sudeste foram, contudo, o principal movimento migratório no país desde final do século XIX, segundo Medeiros de Melo

¹ De acordo com o Nota Técnica da Fundação Joaquim Nabuco, intitulada “Censo Demográfico 2022: reflexões iniciais sobre a região Nordeste”, a taxa de crescimento geométrico do Nordeste foi de 0,24%, atrás de Sudeste (0,45%), Sul (0,74%), Norte (0,75%) e Centro-Oeste (1,23%).

² “Candangos” é como ficaram conhecidos os operários e demais trabalhadores que construíram Brasília na década de 1950. Inicialmente pejorativo, o termo hoje é um dos gentílicos atribuídos aos moradores da capital federal.

e Fusco (2019 *apud* Magalhães, 2023). Boa parte das pessoas que deixaram os estados do Nordeste ao longo do século XX foi direcionada para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente pela centralidade econômica e política do Sudeste — o Rio de Janeiro era capital do país até 1960 e São Paulo figurava no imaginário como terra de oportunidades.

O vasto acervo a respeito do tema, contudo, não corrobora uma dinâmica social e histórica heterogênea, multifacetada e mutante que compõem os estados do Nordeste. Muitas vezes, inclusive, caminha no sentido oposto de entender tais migrações como um fenômeno único e homogêneo. Essa concepção, como explica Durval Muniz em sua obra “A Invenção do Nordeste e outras Artes” (1999), foi instaurada no início do século XX, diante de fatores que englobam economia, política e cultura.

A própria limitação geográfica do IBGE, inclusive, é mutante neste sentido. A configuração que conhecemos hoje, herdada da Ditadura Militar, foi estabelecida em 1970 e difere da divisão de 1942, instituída no Governo Vargas, que não inseria a Bahia no Nordeste, e sim na região Leste — a divisão era Norte, Nordeste, Leste, Centro-Oeste e Sul. A configuração de 1970, segundo Boscarol (2017, *apud* Magalhães, 2023), buscava o agrupamento por regiões “homogêneas” em contrapartida à divisão “natural” anterior, e agrupou forçadamente realidades culturais, históricas, geográficas e econômicas muito diferentes (Magalhães, 2023).

Considerando sua heterogeneidade, a migração dos nordestinos para o Sudeste do Brasil poderia ser pensada, em termos gerais, em relação às condições políticas e econômicas às quais cada onda migratória está vinculada. É necessário levar em conta as situações complexas conectadas a cada uma delas, bem como o importante papel das redes de migração e as motivações familiares e subjetivas nesse processo. (Magalhães, 2023, p. 80)

Neste sentido, destaca-se o uso da história oral como principal método para conduzir os estudos no campo das migrações do Nordeste para o Sudeste, pelo entendimento que narrativas pessoais possibilitam o acesso a motivações, desafios e consequências da migração além das estatísticas e tendências geográficas. A oralidade permite ainda enxergar o papel desempenhado por estas massas na mudança dos aspectos de São Paulo e Rio de Janeiro, seja na economia, cultura, relações de trabalho, características urbanas, políticas e geografia, motivo pelo qual

a historiadora Schwarcz (2019) defende o uso do termo “diáspora³ nordestina” para se referir a esse processo migratório.

Cada migrante carrega consigo uma narrativa única, repleta de esperança e resiliência, mas também dores, cicatrizes e saudades do lugar que outrora já fizera parte enquanto habitante. A protagonista deste trabalho, por exemplo, ilustra não apenas uma jornada geográfica de diáspora nordestina (do Maranhão para o Rio de Janeiro), mas também uma trajetória de transformações pessoais e culturais. À grosso modo, Dalva deixou o Nordeste em busca de melhores oportunidades de trabalho, educação e saúde, mas na verdade, trouxe consigo aquela região para construir um lar e uma comunidade em um novo ambiente.

A história oral, dessa forma, permite que tais narrativas pessoais sejam capturadas de forma autêntica, preservando a memória cultural e individual enquanto oferece percepções sobre a adaptação dos migrantes em novos contextos urbanos e culturais e, por conseguinte, a formação do Brasil, já que foram — e são — as relações do cotidiano e na maneira com que os brasileiros navegam e negociam suas identidades dentro de estruturas sociais complexas que moldaram — e moldam — o país (DaMatta, 1986).

2.1 O COTIDIANO ENQUANTO PAUTA

O jornalista se pergunta a todo momento se um determinado fato ou acontecimento é notícia — ou pelo menos, deveria. Para isso, tem à mão uma série de fatores para avaliar se um evento ou informação deve ser transformado em reportagem, matéria, *off* coberto, vivo ou ao menos uma nota-pé⁴ no final de um telejornal ou de uma edição impressa. É fato que muitos pesquisadores se debruçam nos estudos dos chamados valores-notícia e critérios de noticiabilidade. Privilegiando

³ Diáspora é um termo que vem do grego “diasporá”, que significa dispersão, sobretudo por motivos religiosos e políticos. Nos séculos XX e XXI, a palavra passou a abranger também grupos que saem do seu contexto e recriam as suas culturas em outras sociedades (Schwarcz, 2019).

⁴ Uma reportagem é uma forma de jornalismo que envolve uma investigação e análise aprofundadas sobre um tema, evento ou questão de interesse público, explorando contextos, causas e consequências. Uma matéria é um termo mais genérico para peças jornalísticas que informam o público sobre eventos, tendências ou dados, variando em profundidade conforme o espaço disponível (Kovach e Rosenstiel, 2007). *Off* coberto refere-se à prática no jornalismo televisivo onde o jornalista cobre uma notícia sem aparecer em cena, com a narração sobreposta a imagens ou vídeos relacionados. O formato vivo, ou ao vivo, envolve o relato de eventos em tempo real pelo jornalista diretamente do local, oferecendo imediatismo e presença no cenário (McLeese, 2005). Por fim, uma nota-pé é uma informação curta usada para complementar ou concluir noticiários, fornecendo dados essenciais ou atualizações rápidas sem detalhamento aprofundado (Kovach e Rosenstiel, 2007).

uma leitura mais pedagógica, esta pesquisa traz como referência a autora Gislene Silva (2014). Basicamente, ela elenca os seguintes eixos: proximidade, relevância, atualidade, excepcionalidade, entre outros elementos que constituem os critérios de noticiabilidade (Silva, 2014).

No entanto, tais propriedades não são absolutas e não refletem, de maneira imperativa e direta, a realidade. A complexidade do processo jornalístico imputa a todo profissional de mídia um conjunto de práticas, valores, normas e rotinas que, atrelados aos critérios de noticiabilidade, influenciam como as notícias são selecionadas, produzidas e apresentadas, no que Traquina (2005) e Zelizer (1993) denominam de “comunidade interpretativa do jornalismo”.

É bem verdade que esses estudos seminais ganharam novos contornos na contemporaneidade. No ambiente digital, por exemplo, a definição de notícia expande-se para além dos limites tradicionais dos meios de comunicação impressos e televisivos, incorporando plataformas como blogs, redes sociais e portais de notícias online, onde cada usuário pode ser tanto consumidor quanto produtor de conteúdo (Schudson, 2011). Neste novo contexto, o que é considerado notícia é influenciado não apenas por jornalistas e editores, mas também pelo público, que participa ativamente na criação e distribuição de conteúdo. Entretanto, a modificação no “fazer jornalístico” não interfere na origem conceitual daquilo que eleva o jornalismo como uma forma de conhecimento, como ressalta Meditsch (1997). O autor argumenta que o jornalismo, mais do que simplesmente relatar eventos, interpreta e contextualiza a realidade, contribuindo para a construção do conhecimento público e individual. Neste sentido, o jornalismo digital, embora apresente novos desafios e dinâmicas, continua a cumprir essa função essencial. A multiplicidade de plataformas e a interatividade oferecida pelo ambiente digital ampliam a capacidade do jornalismo de moldar a compreensão pública, permitindo uma participação mais ativa do público na formação dessa narrativa compartilhada.

Outro recorte atrelado aos novos contornos da notícia na contemporaneidade é a valorização da subjetividade no jornalismo. Ao contrário dos ideais objetivistas que ganharam força no início do século XX com o enaltecimento do caráter imparcial do periódico (Barbosa, 2013), a subjetividade é inerente ao jornalismo, já que dentro da comunidade interpretativa, os critérios de noticiabilidade são filtrados e analisados com base nas vivências de cada ser humano que pertence a essa sociedade, e não reconhecê-lo pode, segundo Moraes (2015), promover uma forma de jornalismo que

pode ser desumanizada e descontextualizada da realidade social e cultural.

É nesse sentido que o presente trabalho se inclina em desenvolver um produto prático como instrumento de conclusão de curso, considerando o teor prático reflexivo da peça, além da possibilidade de visibilizar as inquietações de pesquisa propostas. A história de Dalva, explorada através de um podcast, ilustra precisamente como a oralidade pode revelar substratos da vida cotidiana e seus impactos na formação de identidades e memórias (Barbosa, 2013), além de corroborar com as novas definições de notícia ao explorar um microcosmo da diáspora nordestina como um veículo de compreensão mais ampla das experiências humanas em meio às transformações sociais e tecnológicas atuais.

2.2 A ORALIDADE ENTRE LOUÇAS E CAFÉS

Enquanto este trabalho estava sendo escrito, Mark Zuckerberg, CEO e fundador da META, divulgou que o Brasil envia quatro vezes mais mensagens de voz no WhatsApp, aplicativo de mensagens, do que qualquer outra população. Embora essa estatística possa ser superficialmente associada às altas taxas de analfabetismo históricas⁵, ela também revela uma preferência por formas de comunicação mais diretas e expressivas, ressaltando uma característica cultural distintiva. Tal predileção pela oralidade não é apenas um resquício de limitações educacionais, mas uma extensão da rica tradição oral brasileira, profundamente enraizada na cultura do país. A oralidade, conforme discutido por Barbosa (2013), é um meio fundamental de expressão e transmissão de conhecimentos, refletindo a valorização da voz e da narrativa pessoal na comunicação social e cultural.

A tradição oral brasileira, enriquecida por séculos de história, mostra que a voz carrega tanto significado quanto a palavra escrita, indicando que o Brasil valoriza profundamente o poder da comunicação verbal. Essa tradição é visível, sobretudo, nas trocas cotidianas e na maneira como as histórias são compartilhadas entre

⁵ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua: Educação 2022, realizada pelo IBGE, mostram que a taxa de analfabetismo recuou de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022. O Nordeste tinha a taxa mais alta (11,7%) e o Sudeste, a mais baixa (2,9%). No grupo dos idosos (60 anos ou mais) a diferença entre as taxas era ainda maior: 32,5% para o Nordeste e 8,8% para o Sudeste. Adriana Beringuy, coordenadora do estudo, analisa que “o analfabetismo segue em trajetória de queda, mas mantém uma característica estrutural: quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Isso indica que as gerações mais novas estão tendo maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda crianças, enquanto permanece um contingente de analfabetos, formado principalmente, por pessoas idosas que não acessaram à alfabetização na infância/juventude e permanecem analfabetas na vida adulta”.

gerações, reforçando a identidade cultural e a coesão comunitária. Essa ênfase na oralidade como meio privilegiado de expressão encontra ressonância nas obras de Ailton Krenak, membro da Academia Brasileira de Letras, que frequentemente destaca a importância das narrativas orais na cultura indígena. Krenak enfatiza que o ato de contar histórias é essencial não apenas para a preservação da memória e da história, mas também para a manutenção da vida comunitária e das relações profundas com a terra. Em sua obra "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" (2019), ele expressa essa conexão ao descrever o rio Doce, ou Watu, como "nosso avô", um ser vivo e não um mero recurso econômico, o que ressalta uma visão de mundo onde a natureza é parte integrante da comunidade e da identidade cultural.

A perspectiva de Krenak sobre a terra como uma entidade viva com a qual os seres humanos têm uma relação de parentesco é especialmente relevante para o entendimento da conexão de Dalva com Anajá, seu lugar de origem no Maranhão. Assim como Krenak vê o rio Doce, Dalva carrega Anajá não apenas como um local geográfico, mas como um elemento vital de sua identidade que molda sua experiência e narrativa.

A tradição de contar histórias de forma verbal é uma característica marcante da cultura brasileira, evidente até nos gestos mais cotidianos, como o compartilhar de um café ou o lavar e secar das louças. Esses momentos, embora pareçam simples, são carregados de narrativas e significados, atuando como pontes para memórias, saberes e identidades.

A vida de Dalva, dessa forma, se revela nesses interlúdios domésticos. Cada conversa enquanto se arruma a cozinha ou durante o café vespertino pode parecer trivial, mas transcende o cotidiano e encapsula sua jornada como parte da diáspora nordestina, tecendo também a jornada coletiva de muitos que migraram do Nordeste em busca de novas oportunidades.

Este processo de compartilhamento é central para a manutenção da identidade cultural, uma ideia que Sodré (2002) explora ao argumentar que a comunicação e a cultura são intrinsecamente ligadas, moldando as percepções e identidades sociais. No contexto de Dalva, as narrativas compartilhadas durante essas atividades diárias não apenas mantêm vivas as tradições do Nordeste, mas também reforçam sua identidade e pertencimento em um novo ambiente. Esses momentos de troca verbal refletem a continuidade das tradições e a resistência cultural em face da migração e da mudança. Meihy (2010), por sua vez, destaca a importância da história oral como

uma ferramenta para capturar as nuances das experiências pessoais, argumentando que as histórias contadas pelos indivíduos oferecem insights valiosos sobre as dinâmicas sociais e culturais que não são facilmente acessíveis através de outras formas de registro histórico.

2.3 POR QUE PODCAST?

A oralidade, presente nas conversas cotidianas entre louças e cafés na vida de Dalva, é mais do que um mero intercâmbio de palavras; ela encapsula um microcosmo de experiências e saberes. Decidir transformar essa rica tradição oral em um formato de podcast é uma progressão natural na evolução da comunicação, conforme discutido por Santaella (2003). O podcast, em sua essência, é uma confluência da autenticidade das narrativas tradicionais e do alcance proporcionado pela internet. Ele oferece uma plataforma única onde histórias pessoais podem ser amplificadas para alcançar uma audiência global. Este formato não só preserva as nuances da oralidade, mas também as eleva a um plano de diálogo e interação cultural extenso, permitindo que experiências individuais ressoem com ouvintes de diversas origens e perspectivas culturais.

Contudo, a seleção do podcast como veículo para esta narrativa foi resultado de uma avaliação criteriosa de diversos formatos midiáticos. Segundo Kischinhevsky e Viana e Silva (2018), o podcast distingue-se por sua capacidade de criar um espaço íntimo de engajamento direto com o ouvinte, permitindo uma imersão profunda nos temas tratados. Adicionalmente, a estrutura do podcast documental alinha-se com as práticas do gênero documentário, que Comparato (1995) identifica como fundamental na arte de contar histórias que buscam uma interpretação profunda da realidade. O documentário, em qualquer meio, visa revelar as camadas subjacentes dos temas que aborda, proporcionando uma visão holística que engloba as dimensões sociais, culturais e humanas dos sujeitos. Ao aplicar este formato ao podcast, o projeto não apenas narra eventos, mas busca interpretar e contextualizar a migração de Dalva dentro de uma trama mais ampla de identidade cultural e transformação pessoal.

A importância do podcast como meio de comunicação vai além do mero entretenimento; ele serve como uma ferramenta essencial para a preservação da memória cultural. Documentar as narrativas orais de Dalva através de um podcast atua como um depósito moderno de tradições orais, assegurando que esses

legados sejam mantidos acessíveis para as futuras gerações. Esta função de preservação é vital em um mundo onde muitas práticas culturais correm o risco de desaparecimento devido à globalização e à homogeneização cultural. Essa preocupação é destacada por Krenak (2019), especialmente em relação aos povos indígenas, cujas culturas enfrentam pressões exteriores constantes que ameaçam sua sobrevivência.

Meihy (2010) argumenta que a história oral, quando gravada e disseminada através de mídias digitais como podcasts, pode oferecer uma visão mais profunda e pessoal da história. Esta abordagem não apenas captura os fatos históricos, mas também as emoções e experiências que formam o tecido social e cultural de uma comunidade. Essa perspectiva é ampliada por Sodré (2012), que destaca a capacidade da mídia digital de democratizar o acesso ao patrimônio cultural. Ele sugere que, por meio de podcasts, histórias que antes eram confinadas a grupos específicos ou regiões geográficas agora podem alcançar uma audiência global, proporcionando uma nova vida a tradições que de outra forma poderia ser esquecidas.

A contribuição de Hall (1996) reforça esse ponto ao discutir como os podcasts ajudam a fomentar uma consciência coletiva sobre a importância da diversidade cultural. Ao apresentar narrativas diversas e muitas vezes sub-representadas, os podcasts incentivam uma apreciação mais ampla das várias formas de expressão cultural e promovem o respeito e a preservação dessas manifestações. Além disso, como Thompson (2000) aponta, a habilidade dos podcasts de criar arquivos digitais acessíveis os torna uma ferramenta inestimável na luta contra a perda de memória cultural. Ele observa que a história oral gravada pode ser arquivada e acessada indefinidamente, oferecendo uma rica fonte de material para pesquisadores, educadores e o público em geral interessados em explorar as profundezas da história humana.

3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

No percurso da graduação, os docentes sempre comentaram da possibilidade do trabalho prático como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas também alertavam: apesar da aparente facilidade em relação a uma monografia clássica, o trabalho prático abrange uma labuta dobrada, pois obriga a realização de um relatório com as devidas etapas executadas e toda a fundamentação teórica em que se apresenta e embasa as escolhas até o produto final.

Apesar da dificuldade acrescida, o trabalho prático sempre foi a certeza do meio pelo qual encerraria a graduação em jornalismo. Tal indubitabilidade, contudo, não exprime uma aversão pessoal pelo labor acadêmico — pois entendo que o distanciamento entre a academia e as redações jornalísticas deve ser suprimido —, mas ressalta o prazer pela prática jornalística em si.

O tema também sempre esteve presente como promessa do início da graduação: a história de Dona Dalva, porventura minha mãe, por enxergar nela um ser histórico, pertencente a uma realidade que Roberto DaMatta integrou quando se perguntou, em sua obra, “O que faz o Brasil, Brasil?”, ou ainda, de modo mais popular, a imagem do “Brasil do Brasil”, que a participante Beatriz Reis, do reality show Big Brother Brasil 2024, popularizou durante o programa.

Tal escolha, no entanto, esbarrara em dois impasses: primeiramente, não tinha certeza se o que propunha enquanto trabalho prático atendia aos critérios necessários para elaboração do TCC de jornalismo ou se escorria para demais campos das ciências sociais; em segundo lugar, o envolvimento com projetos do Ano Muniz Sodré a convite da professora Ana Paula Goulart de Andrade, tais como a cobertura da homenagem ao Professor Emérito da Escola de Comunicação da UFRJ na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e o acompanhamento do retorno às atividades docentes de tamanha referência no campo da comunicação, fizeram-me pender para um trabalho prático a respeito do Sodré.

Apesar dos impasses, o impulso foi maior em direção à ideia inicial: narrar o reconhecimento de uma pauta, nascida na oralidade da memória e de histórias contadas em momentos simples do cotidiano, como no lavar de louças pós-refeições ou nos cafés da tarde religiosamente mantidos — e aguardados — diariamente.

A vontade cresceu ainda mais após conhecer as obras de Ailton Krenak. O autor e líder indígena, que declaradamente não escreve, mas registra todo seu

conhecimento através da oralidade — que posteriormente é transcrito por editores e transformado em livros —, comentou sua relação com a natureza na obra “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020). Na palestra transformada em livro, ele diz: “O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas”. O fragmento me fez pensar na relação que Dalva tinha com o Maranhão, aquele pedaço de terra que hoje figura como uma entidade viva. Como não registrar e contar tamanha história?

3.1 PRÉ

Assim como o tema, a certeza do formato documental audiovisual também sempre esteve presente. Isso porque a própria prática — e porque não paixão — audiovisual compôs minha trajetória no jornalismo, alimentado por passagens em redações como Rádio BandNews FM, CNN Brasil, setor audiovisual do jornal O Globo e, claro, o TJUFRJ, o telejornal da Universidade Federal do Rio de Janeiro que funciona como projeto de extensão da Escola de Comunicação.

A certeza, contudo, também esbarrara em problemas práticos. Um documentário, seja em curta, média ou longa metragem, exige um vasto acervo de imagens que ilustram o fato narrado e informam, às vezes por si só, grande parte da história. E como a história traria à tona aquele povoado do Maranhão, não poderia faltar imagens do local, seja por fotos, vídeos, entrevistas com locais, porventura uma visita *in loco*.

Com a pesquisa prévia, parte desse acervo foi reunido. Outras, no entanto, foram dificultadas, como o próprio acesso e uma necessária viagem ao Anajá. Há, claro, tecnologias atuais que tornariam possível o acesso remoto, mas a opção fora descartada pois entendeu-se que iria de encontro a essência do projeto.

Portanto, na fase de planejamento, constatou-se que a ausência de imagens representaria um desafio significativo para a realização do documentário, uma vez que uma viagem ao local das histórias não seria possível, vídeos eram escassos e as fotos disponíveis insuficientes. Reconhecendo que a essência dos meios audiovisuais reside na sua capacidade de transmitir imagens em movimento (Emerim, 2015, p. 2), a falta de recursos visuais robustos exigiu uma reconsideração do formato do projeto.

Neste cenário, o podcast surgiu como uma solução ideal, permitindo uma exploração rica da oralidade e da narrativa sonora, que são menos dependentes de

conteúdo visual. Esta adaptação está alinhada com as tendências modernas no jornalismo, onde a narrativa multimídia se expande para além das tradicionais transmissões televisivas para incluir plataformas digitais que favorecem a interatividade e o consumo *on-demand* (Becker, 2009, p. 34).

O podcast, como ferramenta técnica e expressiva, permite uma abordagem mais flexível e adaptável às limitações de produção enfrentadas. Segundo Ferrareto (2014), a natureza técnica do podcast facilita a produção de conteúdo de qualidade sem a necessidade de grandes infraestruturas ou deslocamentos físicos, destacando-se como um meio eficaz para a disseminação de narrativas profundas e envolventes, mesmo na ausência de um suporte visual. Tais características não apenas simplificam a produção, mas também ampliam o impacto potencial do projeto, garantindo que as histórias de significado cultural e pessoal como a de Dalva não sejam perdidas, mas sim preservadas e apreciadas por ouvintes de todo o mundo.

Além disso, ao operar dentro da lógica do jornalismo digital, o podcast oferece oportunidades únicas de interação com a audiência, possibilitando um engajamento mais profundo e personalizado com os ouvintes, o que é crucial para temas que demandam reflexão e envolvimento emocional, como a história de vida explorada neste projeto (Kischinhevsky e Viana e Silva, 2018).

Dessa forma, a escolha do podcast não apenas resolveu o dilema prático das limitações visuais, mas também se alinhou estrategicamente com as tendências contemporâneas de consumo de mídia, onde a flexibilidade de acesso e a profundidade do engajamento são altamente valorizadas.

3.2 PRODUÇÃO

As histórias contadas no documentário, em sua maior parte, já eram conhecidas pelo autor. No entanto, para garantir o rigor jornalístico e enriquecer a narrativa com novos detalhes, iniciei o processo com uma entrevista geral com Dona Dalva para (re)conhecer e aprofundar aspectos de sua vida. Após a entrevista, utilizei a ferramenta Pinpoint, desenvolvida pela empresa Google LLC especificamente para jornalistas. Esta ferramenta, que se apoia em Inteligência Artificial, facilitou a transcrição e otimização do conteúdo capturado, permitindo uma melhor visualização das informações e auxiliando na organização estrutural do podcast. Essa etapa preliminar foi crucial para definir o formato do podcast, que foi segmentado, a princípio,

em quatro episódios de aproximadamente 15 minutos cada, cobrindo tópicos desde a geografia e história de Anajá, passando pela inserção de Dalva no mundo, a diáspora em si, até reflexões sobre o legado dessa trajetória. Posteriormente, os episódios foram agregados em dois episódios maiores para garantir uma maior fluidez do enredo.

Para expandir a narrativa de Dalva do âmbito pessoal para o contexto mais amplo da diáspora nordestina, busquei inspiração em podcasts jornalísticos consolidados, como "O Assunto", "Café da Manhã" e especialmente "Medo e Delírio em Brasília". A integração de sons ambiente e pausas estratégicas durante a narrativa, reflexão sugerida durante a análise do projeto, enriqueceu significativamente a experiência auditiva. A edição cuidadosa permitiu a criação de um diálogo entre a narrativa pessoal de Dalva e os temas mais amplos abordados, facilitando uma imersão profunda e a construção de um ambiente que reflete a realidade vivida por ela.

Tabela 1: Áudios inseridos

Fonte	Conteúdo	Contexto
TV Imperatriz Leopoldinense	Trecho do Samba-Enredo da Imperatriz Leopoldinense de 1987, intitulado "Estrela Dalva"	Introdução à história de Dalva
Centro Cultural Vale Maranhão	Trecho da apresentação do Tambor de Crioula Manto de São Benedito	Ilustração do Tambor de Crioula, elemento constituinte da história narrada.
Folha de São Paulo	Trecho da reportagem "O que é tambor de crioula, tradição quilombola que afina instrumento a fogo QUILOMBOS DO BRASIL"	Explicação do Tambor de Crioula, elemento constituinte da história narrada.
Canal Paulo Vale	Vídeo "Carro de Boi"	Ilustração sobre o que é o Carro de Boi
TV Câmara	Trecho do documentário "Brasília: projeto capital"	Introdução ao ano de nascimento de Dalva
Museu da Pessoa	Fala de Ailton Krenak sobre a história de sua família indígena no Rio Doce	Comparar a proximidade que Ailton Krenak tem com o Rio Doce com a história de Dalva e o Anajá
Canal Lili Schwarcz	Vídeo da historiadora Lilia Schwarcz a respeito da diáspora nordestina	Introduzir o conceito de diáspora e contextualizar a inserção nordestina no Sudeste

Arquivo Nacional	Propaganda do Mobral	Explicação e contextualização do Movimento Brasileiro de Alfabetização
Canal Tamba Trio	Música “Chegança”, de Edu Lobo com a participação do Tamba Trio	Ambientação ao contexto da migração
Canal Walid Fakhfakh	Música “ <i>Natural Mystic</i> ”, de Bob Marley, na versão instrumental	Ironizar o trecho que trata da maconha
Canal Moreno Veloso	Música “A Donzela se Casou”, de Moreno Veloso	Uso como trilha sonora que aproveita o prato como instrumento

Fonte: Tabela produzida pelo autor

A produção envolveu ainda mais duas entrevistas com Dona Dalva, além da inicial, com o objetivo de aprofundar e ampliar o conteúdo coletado na primeira conversa. A dinâmica familiar, capturada nos interlúdios domésticos utilizados como cenário, proporcionou uma narrativa autêntica e espontânea, capturando os detalhes genuínos da vida de Dalva. Além dela, outros indivíduos significativos em sua história também foram entrevistados, como Leda, cujas interações proporcionaram insights valiosos sobre as condições de vida e trabalho dos migrantes.

Na narração do podcast, minha intenção foi não apenas guiar os ouvintes através das informações e descobertas, mas também integrar elementos culturais e históricos significativos. Um exemplo disso é a inclusão do samba-enredo da Imperatriz Leopoldinense de 1987, que teve como intuito não apenas enriquecer a narrativa, mas também ancorar a história pessoal de Dalva em um contexto mais amplo de expressão cultural e identidade nacional.

A seleção de conteúdos multimídia, incluindo gravações de áudio históricas, entrevistas adicionais e músicas tradicionais, foi projetada para ilustrar os temas abordados e enriquecer a experiência auditiva. A intenção era permitir uma análise mais profunda das influências culturais que moldam as experiências dos migrantes, evidenciando a complexidade de suas identidades e as consequências sociais de suas trajetórias.

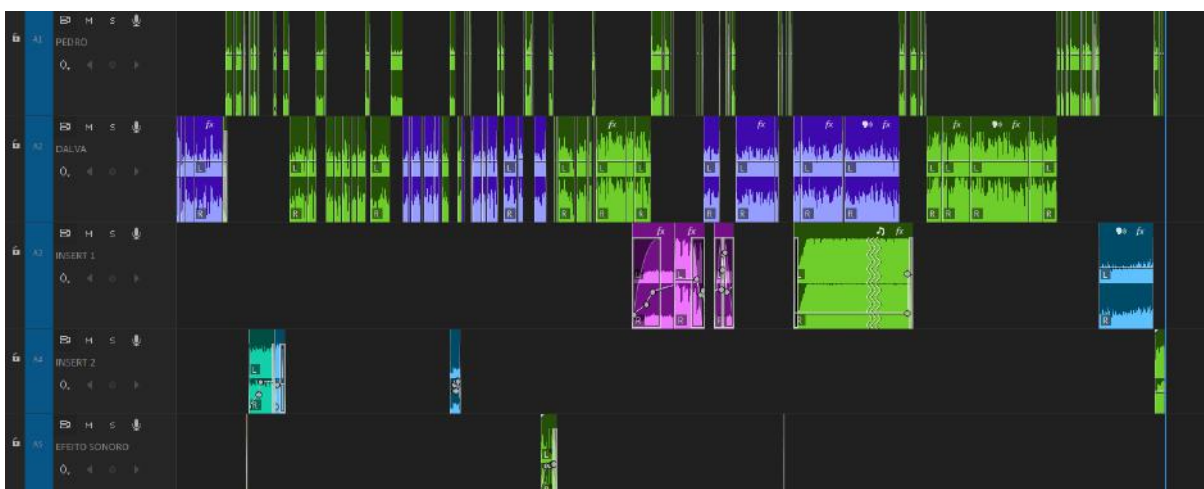
3.3 PÓS

Apesar de ter acesso a todo o pacote de *softwares* da Adobe, que inclui o

programa Audition, próprio para a gravação e edição de áudio, optei por usar o Adobe Premiere para os processos de pós-produção deste documentário. A escolha foi motivada pela familiaridade com a ferramenta, tradicionalmente destinada a editar vídeos. A preocupação inicial sobre as limitações do programa em trabalhar exclusivamente com áudios foi mitigada pelo fato de que muitos podcasts reconhecidos também utilizam o programa, além da vantagem de já ter domínio completo sobre ele.

Durante o processo de edição no Premiere, foram realizadas "lapidações" das decupagens, ajustando alguns trechos que se mostraram mais apropriados em diferentes partes do que inicialmente planejado. Essas modificações são cruciais e muitas vezes só são perceptíveis durante a construção específica do material. Alterações semelhantes ocorreram com as inserções, onde foi identificada a necessidade de expandir a explanação em certos temas para uma melhor compreensão.

Figura 1: Montagem do primeiro episódio no programa Adobe Premiere



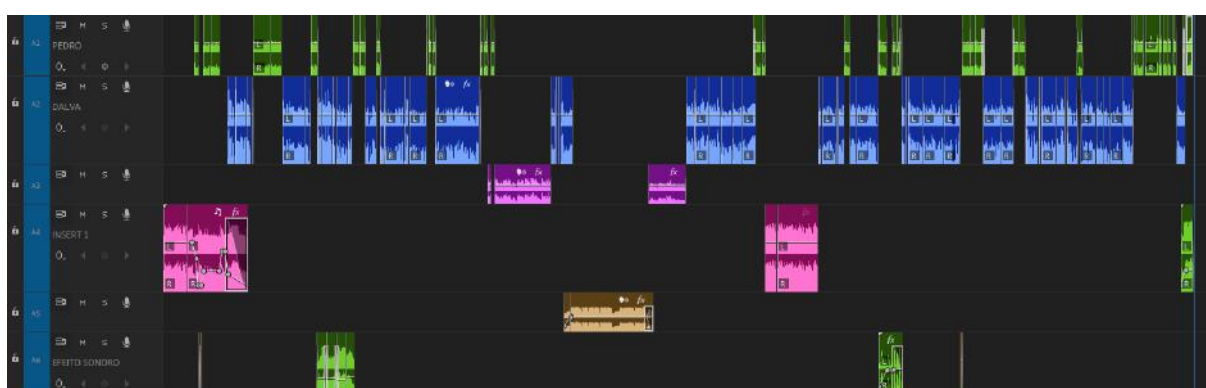
Fonte: Captura de tela

Contei com a colaboração de João Guilherme Lacerda, colega de trabalho e editor experiente de áudio e podcasts, que trouxe *valiosos insights* sobre a montagem e edição para o meio podcast. João enfatizou a importância de integrar pausas estratégicas e fundos sonoros que complementassem e reforçassem a narrativa, uma prática que ele adotou com sucesso em suas próprias produções. Seu auxílio foi crucial para refinar a dinâmica e o ritmo dos episódios, garantindo que as transições e o fundo musical não apenas suportassem, mas também realçassem a história

contada.

Após a edição do material, ou seja, a montagem do conteúdo e seu respectivo sequenciamento, a escolha da trilha sonora emergiu como um foco principal. Optei por uma seleção intuitiva de músicas, incorporando faixas populares locais como o reggae, além de alguns efeitos sonoros. Essa escolha se adaptou bem aos diversos segmentos do podcast, proporcionando um fundo sonoro que não apenas complementa, mas também realça a narrativa.

Figura 1: Montagem do segundo episódio no programa Adobe Premiere



Fonte: Captura de tela

Quanto a hospedagem, os episódios do podcast foram disponibilizados no Spotify, uma escolha estratégica dada a posição de liderança da plataforma no cenário de podcasts. O Spotify não só oferece um alcance global, mas também fornece ferramentas avançadas de análise e interação com o público, permitindo que as histórias de Dalva sejam acessadas por ouvintes de diversas partes do mundo. Essa hospedagem visa não apenas ampliar a exposição do documentário, mas também fomentar um diálogo cultural enriquecedor e preservar as valiosas memórias de Dalva para as futuras gerações. Os episódios podem ser tocados através do seguinte *link*: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/pedro-guimares8/episodes/Louas-Dalva-e-o-Anaj-e2luks4>.

4 CONCLUSÃO

A migração do Nordeste para o Sudeste do Brasil, explorada através da narrativa pessoal e intensamente humana de Dona Dalva, desvendou não apenas o movimento de uma pessoa, mas capturou a essência de uma diáspora que moldou a sociedade brasileira em vários aspectos. A jornada de Dalva exemplifica as adaptações culturais, os desafios econômicos e as complexidades sociais que acompanham tal migração. Sua história é uma porta de entrada para entender a interação entre memória, identidade e espaço, revelando como esses elementos coletivamente influenciam a formação das comunidades urbanas e as identidades culturais em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.

A integração da minha própria história na narrativa de Dalva desafia a noção tradicional de que o autor deve permanecer à margem do texto jornalístico. Este projeto ilustra como a subjetividade do narrador pode enriquecer a reportagem, permitindo uma exploração mais profunda e empática das temáticas abordadas. Ao narrar a jornada de minha mãe, também narro minha autopercepção e me afirmo como sujeito ativo dentro do contexto jornalístico. Esta abordagem reflete uma compreensão contemporânea de que as histórias pessoais e a visão do narrador são cruciais para capturar a complexidade das experiências humanas.

Ao escolher o formato de podcast para documentar e disseminar esta narrativa, este projeto não apenas preservou uma história significativa, mas também destacou a eficácia da história oral em capturar nuances que os métodos de pesquisa tradicionais podem deixar de lado. Ao mesmo tempo, evidenciou a capacidade dos novos meios de comunicação em ampliar o alcance dessas histórias, garantindo que elas sejam acessíveis a um público mais amplo e diversificado, contribuindo para uma compreensão mais rica e matizada das dinâmicas culturais e sociais do Brasil.

Olhando para o futuro, este trabalho abre várias avenidas para pesquisas subsequentes. Primeiramente, seria proveitoso explorar mais profundamente as histórias de outros migrantes que compartilham trajetórias similares às de Dalva, para ampliar o espectro de entendimento das experiências migratórias dentro do Brasil. Em segundo lugar, uma análise comparativa entre as diferentes gerações de migrantes poderia revelar como as motivações, desafios e resultados dessas migrações evoluíram ao longo do tempo. Por último, uma investigação sobre o impacto da migração nas cidades de origem poderia fornecer percepções valiosas sobre como

essas áreas foram transformadas pelos que partiram e pelas remessas enviadas para casa, influenciando o desenvolvimento econômico e cultural dessas regiões.

O projeto “Entre Louças e Cafés” não se encerra com este trabalho inicial; ele dá início a uma jornada contínua de exploração de narrativas. Pretendo prosseguir com o podcast, utilizando-o como plataforma para compartilhar as conversas multifacetadas que tenho com Dona Dalva. Esses diálogos, que cruzam diferentes perspectivas geracionais, experiências de vida e contextos culturais, oferecem uma oportunidade única para analisar e refletir sobre o mundo ao nosso redor. Este esforço continuado visa não apenas preservar memórias, mas também fomentar um entendimento mais profundo e matizado das interações humanas e das mudanças sociais que nos rodeiam.

Através das narrativas apresentadas, o jornalismo exercido aqui vai além de reportar; ele busca iluminar as nuances da vida humana, servindo como uma ponte entre o público e as histórias que moldam nossa sociedade. Essa abordagem não apenas informa, mas também promove a reflexão e o diálogo, essenciais para uma sociedade que valoriza todas as suas vozes.

Portanto, ao documentar e compartilhar a história de Dona Dalva, este trabalho não apenas contribui para a literatura existente sobre migrações internas no Brasil, mas também destaca o papel crucial do jornalismo e da história oral na captura e preservação de narrativas pessoais, essenciais para um entendimento completo da tapeçaria humana que compõe a nação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**: Rocco, 1984.

FUSCO, Wilson; OJIMA, Ricardo. **Censo Demográfico 2022: reflexões iniciais sobre a região Nordeste**. Recife: Fundaj, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dipes-1/publicacoes/relatorios-de-pesquisas/censo-demografico-2022-reflexoes-iniciais-sobre-a-regiao-nordeste.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2024.

FUSCO, Wilson.; PACHECO, R. S.; ALVES, H. M. R. **Dinâmica migratória e o fenômeno das metrópoles: aspectos recentes da migração no Brasil**. IBGE, 2011.

HALL, Stuart. **Cultural Identity and Diaspora**. In: Identity: Community, Culture, Difference. London: Lawrence & Wishart, 1996, pp. 222-237.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; VIANA E SILVA, Luana. **Rádio em episódios: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. E-Compós, vol. 21, n. 1, 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The Elements of Journalism: What Newspeople Should Know and the Public Should Expect**. New York: Three Rivers Press, 2007.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. História oral e migrações do Nordeste para o Sudeste: um estudo sobre a produção brasileira. **História Oral**, 2023, v.26, n.1, p. 77-107, jan./abr. 2023.

McLEESE, Don. **Broadcast Journalism: Techniques of Radio and Television News**. Boston: Focal Press, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História Oral: **Como Fazer História de Vida**. São Paulo: Contexto, 2010.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora UFSC, 1997.

MORAES, Fabiana. **Jornalismo de Subjetividade**. Revista de Jornalismo ESPM, n. 5, 2015.

MUNIZ, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the News: A Social History of American Newspapers**. New York: Basic Books, 1978.

SCHWARCZ, Lilia. "**Diáspora nordestina e a construção do Brasil**." Vídeo disponível em: https://youtu.be/lDgD9vDEItA?si=s7zECE_0S87cvk-p. Acesso em: 28 mar. 2024.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (Orgs.). **Críticos de noticiabilidade – problemas e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura: A Comunicação e seus Produtos**. São Paulo: Vozes, 2012.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

SARNO, Geraldo. **Viramundo**. São Paulo: Produção de Geraldo Sarno, 1965. Disponível em: https://youtu.be/QFP--zJ_3pk?si=KIDJw0TeCrGyLzx5. Acesso em: 21 abr. 2024.

VIANA E SILVA, Luana. **Podcast: Novas perspectivas para o jornalismo radiofônico**. Revista Brasileira de Jornalismo, n. 8, 2018.